

revista

Leandante

ano I - nº 04 -
15 de outubro de 2012





Uma criança não deve ter senão a prudência de uma criança; e não deve transformar-se num imitador cego. Ora, uma criança que apresenta as máximas do senso próprio de homens feitos está fora do caminho traçado para a sua idade e não faz senão imitar. Ela deve ter apenas a inteligência de uma criança e não deve por-se em evidência muito cedo.

Immanuel Kant.



As crianças pobres e frágeis ensinaram-lhe quão incômodas podem ser as características que possuem e, sobretudo, que estas podem irromper em momentos impróprios.

Walter Benjamin

Com um lápis na mão eu desenho...





Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Estatuto da criança e do adolescente

A pequena pianista

Alderico Leandro Álvares

aleandroalvares318@gmail.com

Eurídice era uma menina de apenas sete anos de idade. Em sua casa tinha um piano cujo dono era o seu pai que recebeu por herança de sua mãe, pianista nas horas vagas porque no seu tempo o piano era o melhor instrumento de sua época, vez que não havia rádio.

Quando muito, havia gramofone. E a então mocinha se deleitava ao piano tocando peças para a sua família que se agradava de ouvir as melodias suaves de concertos, sinfonias e suítes. Quando o pai de Eurídice herdou o instrumento o deixou encostado em um canto da sala e nunca mais ouviu nenhum som do piano, pois a sua mãe morrera muito cedo e ele não se aventurou em tocar piano. Certo dia, Eurídice, quando entrava na sala ouviu alguém falar para com a menina que, de imediato teve um leve susto. A voz dizia:

– Psiu! Venha até aqui! E toque-me as teclas! – disse a voz que Eurídice não sabia de onde vinha.

– Quem está falando? – perguntou a menina meio assustada.

– Sou eu. Estou aqui, olhe! Toque alguma coisa! Minhas teclas estão ficando idosas e as minhas cordas quase que não servem mais!

– respondeu a voz.

– Mas onde é que você está? – voltou a perguntar a menina.

– Aqui. Bem na sua frente. Venha mais para perto de mim. Estou tão melancólico! – respondeu a voz bem suave.

– Mas aí só tem o piano! – respondeu Eurídice um pouco admirada.

– Sou eu mesmo. Nunca mais alguém veio me despertar de meu sono letárgico – respondeu o piano de seu modo taciturno.

– E piano fala? – perguntou a menina um pouco chocada.

– Fala. Quer dizer. Às vezes fala. Com as meninas que apreciam música – respondeu o piano.

– Eu nunca ouvi você falar comigo – respondeu Eurídice meio acanhada.

– É verdade. Nunca falei com você. É que eu estava com medo de chamar você. Sabe? – disse o piano à menina.

– A questão é que eu não sei se posso tocar em você. Está todo fechado – falou Eurídice encabulada do seu modo de ter que dizer que não sabia nem tocar piano.

– Pode, sim. E se não souber, eu ensino! – respondeu o piano sorrindo.

– E como é que eu abro você? – pesquisou Eurídice como quer e não quer.

– Assim, olhe! Abra esse negócio que tem aí na frente parecendo uma tampa. Lá dentro você encontra o teclado. São 85 teclas. As brancas e as de cor preta. As brancas são de notas naturais e as de cor preta são as acidentais. Entendeu? – perguntou o piano sorrindo.

– Não! Não entendi coisa alguma! – reclamou Eurídice envergonhada.

– Não tem importância. Com o tempo você aprende. O negócio é me fazer tocar belas melodias para o seu deleite – respondeu o piano cheio de entusiasmo.

– Mas eu não sei fazer isso – argumentou a menina envergonhada.

– Eu já disse que te ensino? Então eu vou te ensinar! – sorriu o piano.

- E como eu faço para você me ensinar? – perguntou Eurídice um pouco entusiasmada.
- Sente aqui nesse banquinho que tem na minha frente – respondeu o piano cheio de entusiasmo.
- Esse banco velho? Está cheio de poeira! – respondeu Eurídice ao olhar um banco.
- Não tem nada não. Você passa um pano nele – respondeu sorrindo o piano.
- Nesse caso eu vou lá dentro buscar um pano velho – replicou Eurídice.
- Não! Não! Não! Espere um pouco. Você limpa com seu vestidinho! – sorriu o piano.
- Meu vestido? Você acha que eu sou doida? – indagou Eurídice com cara de espanto.
- Deixa pra lá. Você faça como quiser. Afinal eu não tenho muito tempo de vida! – chorou o velho e maltratado piano.
- Tá bom! Não precisa chorar. Eu limpo com o meu vestidinho mesmo – respondeu a menina constrangida com o choro do piano.
- Eu sabia que podia contar com você. Agora abra para ver o meu teclado. Cuidado! Lá embaixo tem três pedais. Você tem pernas curtinhas e não pode mexer com eles – respondeu o piano desconsolado.
- Posso, sim! Quem disse que não posso? – indagou atrevidamente Eurídice.
- Eu pensei que não podia! – reclamou o piano meio acuado.
- E que tem nesses pedais? – perguntou a menina desconfiada.
- É o seguinte; o da direita permite que as cordas que eu falei que tinha dentro de mim, vibrem livremente, com o prolongamento do som. Os da esquerda desviam ligeiramente a posição dos martelos,

fazendo três cordas soarem mais suavemente. Sei que isso é muito complicado para ensinar a uma menina. E eu que já estou muito velho aí é que não dá para ensinar

– É mesmo. Não entendi nadinha. E tem um no meio. Pra que serve? – perguntou Eurídice.

– Esse é o sustenido. Mas deixa pra lá. Só queria que você abrisse para ver como eu estou velho. Muito velho. Nem as teclas me servem mais – falou o piano quase dormindo.

E a menina Eurídice nem teve tempo de acordar aquele velho piano. Ela fechou a portinha das teclas e o deixou dormir para sempre. O piano já estava no final da vida.



Nenhum livro para crianças deve ser escrito para crianças.

Fernando Pessoa



Perninha

O latim dos cães

[Tânia Lima, *do livro Berimbau de Lata, maracatu palavras*]

Chegou aos fiapos no portão da vila. Uma senhora saiu de dentro com seus oitenta e oito anos a caminho. Viu o cachorrinho aos trapos molhado de sangue. Cuidou, mimou, banhou o bichinho para que ele sarasse no quente. E tudo sarou de repente, apenas a perna traseira que ficou meio torta, quase manca para encurtar a vida. E como não sabia o nome do cãozinho, apelidou de *Perninha*. Todos na vila chamavam *Perninha* e ele atendia com o rabinho todo faceiro. Até que um dia apareceu na vila uma senhora reclamando a paternidade do cãozinho. A dona da casa disse que não tinha mais idade para brigar pelo cachorrinho e que ele, *Perninha*, decidiria com quem realmente gostaria de ficar. Neste instante, a verdadeira dona do cão chamou o bichinho pelo antigo nome: - NICOLAU? O cachorro indiferente estava e indiferente ficou. De repente, ouviu-se um simples suspiro em diminutivo: - *Perninha!!!* E foi pernas pra tudo quanto é lado. Feliz como quem reconhece a própria sombra sem dono, de longe ouvia-se em Latim um som de felicidade anônima. E toda vila ficou peralta.

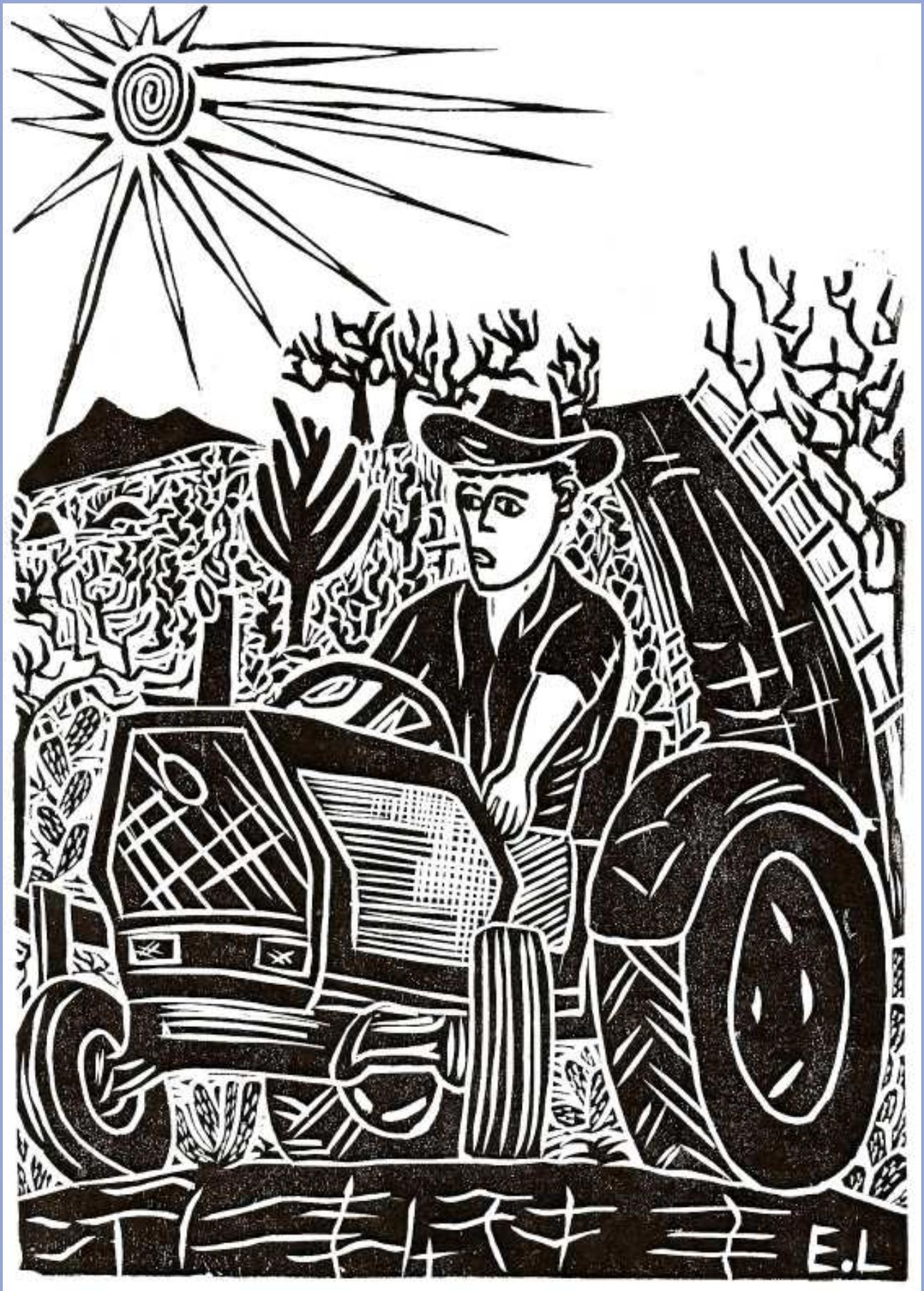


Aqui também fui feliz quando menina.

A casa de tia Marina

Rosângela Trajano

Em infância a casa da minha tia Marina era meu abrigo. Casinha pequena, parecia de boneca. Café quentinho saindo do fogão de carvão em tarde de dezembro a dezembro. Li com meus olhos a vida de Tia Marina, Seu Expedito e suas filhas: Neve, Solange e Ivone. Fui feliz sem ter notícias do que era felicidade. Era meu único passeio ir à casa de tia Marina. Ver as meninas trançando punhos de rede para ganhar um dinheirinho. A sopinha quente de tia Marina, a luz de querosene, as redes ainda armadas no quarto das meninas e o penico cheio de xixi. Ainda escuto nossos sorrisos baixinhos no sofá cheio de buracos. Ah! Naquele tempo eu não tomava remédios para ser feliz, a felicidade era o remédio da minha juventude. Tia Marina passava a roupa da família com ferrinho de brasa. O banheiro ficava do lado de fora da casa. Água friazinha da jarra de barro em caneco de alumínio descia não para meu corpo, mas para minha alma. Eu sou aquela água. Eu, Neves, Solange e Ivone a riscar terra em desenho de sol chuva fazer parar. Em dia de sábado elas me levavam à praia. Eu tinha um biquini amarelo lindo, e gostava de pisar na areia da praia. Quando Seu Expedito bebia cachaça ninguém saía pra ver a noite. As casas fechavam portas e janelas. Ele era o homem mais bravo do mundo, com seus quase dois metros de altura parecia um gigante em fúria. Brigava até com quem não via. Sua faca peixeira queria fazer justiça nunca se soube de quê. Mas era um homem doce sem cachaça no corpo. O meu gigante de verdade nessa vida de conto de fadas. Para chegar à casa de tia Marina a gente atravessava um beco escuro cheio de lama. Mas esse é o caminho mais lindo que tenho nas minhas lembranças. A casa de tia Marina era um lugar encantado. Nunca chorei lá. Só me lembro de sorrisos. Não consigo encontrar uma lembrança triste no meu pensar. A gente tomava banho de mangueira aos domingos enquanto Solange lavava roupa. E eu dizia: ainda falta muito, solange? E ela: duas blusas, três calças e dois lençóis. Eu sentada ao batente da casa de tia Marina olhava o dia. Hoje continuo a olhar o dia, mas ele já não é o mesmo, tem cheiro de solidões. No café da tarde era gostoso comer brote com café. Eu usava um vestido azul da cor do céu. Tínhamos de falar baixinho para não acordar Seu Expedito que estava de ressaca da cachaça bebida em noite passada. Tudo era pouco na casa de tia Marina, menos o amor. Ela costumava comprar três ou quatro colheres de sopa de açúcar que vinha embrulhado em papel. E eu não tinha a grande preocupação de pensar no amanhã. Nunca ninguém fingiu ser meu amigo, nunca ninguém mentiu para mim, nunca ninguém me deixou triste. Na casa de tia Marina tinha tudo, menos poesia. E foi lá que aprendi a poetizar.



Xilogravura de Erick Lima

Literatura de cordel

AS ESTÓRIAS DE ZEFA

Por **ROSA REGIS**

Zefa trabalha em quitutes
Pra família do patrão
Já faz mais de trinta anos
Lá pras bandas do Sertão.

E enquanto ela vai fazendo
Os seus docinhos gostosos
Inventa e conta estorinhas
Aos meninos curiosos.

Atiçando o fogo a lenha
E mexendo o doce, ela diz:
- Era uma vez um menino
Bonito e muito feliz

Que vivia com seus pais,
Numa singela casinha
À margem de um regato
Bem próximo a uma matinha.

Passava o dia brincando
Com um amigo passarinho
Que fizera ali por perto,
Numa mangueira, o seu ninho.

A mamãe sempre dizia
Que ele tomasse cuidado
Para não aventurar-se
Dentro do mato fechado.

Ele muito obediente
Que era, sempre fazia
As vontades da mamãe.
Mas eis que: Um certo dia,

Ele correndo, brincando
De seguir o passarinho,
Quando deu por si já tinha
Se afastado do caminho.

Ficou bastante assustado
Começou logo a chorar,
Enquanto isso a mamãe
Já o estava a procurar.

Naquele tempo os bichinhos
Falavam assim como a gente!
E o menino, choroso,
OuvIU alguém, de repente!

Alguém que dizia assim:
- Venha cá, meu caro amigo!
O caminho da sua casa
Eu sei, e pra você digo.

O dono daquela voz
O menino procurou,
E qual não foi a surpresa
Quando ele se deparou

Com o pequeno passarinho!
A avezinha o levou
Para casa. Ao lá chegar
Sua mamãe o abraçou

Chorando de alegria
E cheia de emoção,
Apertando o seu filhinho
De encontro ao coração.

E disse a ele: - Meu filho
Por mais que o mundo te chame

Mostrando sua beleza
Não deixe que ele te engane,

Obedeça a quem te ama
Os seus conselhos aceita.
E verás que para a vida
Esta é a melhor receita.

...

Assim eram as estorinhas
Que Sinhá Zefa inventava,
Sempre havia uma lição.
E a criançada adorava.

Talvez fosse pela história
Ou talvez pelo docinho
Que cada um recebia
No final, com um beijinho.

Só sei que a criançada
Todo dia, sem faltar,
Iam pedir para Zefa
Novas estórias contar.

Fim

Natal/RN – 17.09.2009 – 01:38h

Revisado em janeiro de 2012

AS NOITES DE MAIO DE SINHÁ SANTINA

Rosa Régis

I

“As noites de maio” da Sinhá Santina
eram tão “divinas”!

Os hinos belíssimos a Nossa Senhora,
Eram mesmo, a glória!!

E as belas flores que eram oferecidas
à Santa querida?!

As velas acesas em volta do altar
onde a Santa está!

E a demonstração de fé e esperança
no Deus de Bonança!

Aquele povo puro que orava e cantava.
E que a Santa adorava!

Que pedia perdão para os seus “pecados”
E chuva p’ro roçado!

Ao final da novena, as flores, a um canto,
são cobertas com um manto.

E um aroma gostoso, no canto da sala,
aquele “monte” exala.

E juntam-se as flores e as folhas, de vez,
no final do mês.

E, depois da novena, haverá a queimagem
de toda a folhagem

E da flores, também. Que, murchas, estão
num cantinho - no chão.

Leva-se flores e ramos num paninho quadrado,
com dois de cada lado.

Todos juntos, vamos, cantando e rezando,
às flores queimando.

Rezando, a cantar: moças e rapazes,
de olhares fugazes,
Se tocam e estremecem
ao sentirem o toque, em meio à prece.

...

É a beleza do Bem
dessas criaturas que malícia não têm.

...

E o amor vem
de forma natural.
É muito normal!

II

Festeja-se tudo
com fogos de artifício. E brinca-se de anel.

Sendo o mais sortudo quem recebe a prenda:
Um beijo! O troféu.

Natal/RN – 19.02.2000
20:20h (o complemento).

Revisto em 20 de novembro de 2011

Euclidianas

João da Mata Costa

Os sertões de Euclides da Cunha é um livro único dentro da literatura brasileira. Pouco lido e muito citado. Um livro enciclopédia que exige paciência e bons dicionários para lê-lo. São vários os motivos que fazem o leitor ficar vário e desistir dessa tremenda aventura pelo Brasil real atravessando um longo e espesso cipoal. Cipoal feito de muitos termos técnicos e preciosismo de linguagem. É enorme o vocabulário de “Os Sertões” e felizmente alguns livros ajudam a penetrar nessa imensa selva de palavras e sabedoria do homem e da terra.

Nesse ensaio analisamos a relação do “livro vingador” e Antonio Conselheiro como elemento inspirador dos versos do poeta popular e da cultura brasileira. Os Sertões de Euclides da Cunha talvez seja o livro mais importante para compreender o Brasil profundo, como gosta de dizer o Suassuna. Um livro Barroco. Um livro de ciência e sociologia para além de grande literatura. Um grande poema escrito nas horas vagas por um grande estilista atormentado que mostrou o Brasil para os brasileiros. A chuva de balas que soterrou com Belo Monte continua a chover em nossas selvas de pedras e favelas.

A relevância do massacre de Canudos é tratada de forma desigual por diferentes historiadores ou observadores da cultura brasileira. Certamente que foi um acontecimento que merece destaque no campo da sociologia, etnografia, história, artes e cultura brasileira em geral. Ao escrever “Os Sertões”, o escritor e jornalista Euclides da Cunha colocava Canudos na história do Brasil e a figura do beato Antonio Conselheiro no coração e mente de todos aqueles que amam o seu país e história. Nos anais dessa história e no centro de uma polemica com diferentes matizes de simpatizantes ou não com os métodos de uma guerra sangrenta que dizimou milhares de brasileiros e quis apagar do mapa um importante contraforte e vasto território no semi-árido nordestino, interior do estado da Bahia.

A Primeira Biografia

A primeira biografia do escritor Euclides da Cunha dizem os livros foi “A Vida Dramática de Euclides da Cunha do escritor e biógrafo Elóy Pontes,

publicada em 1938. Embora essa seja uma das mais completas biografias do autor de “ Os sertões”, sua primeira biografia não foi a do Eloy Pontes e, sim, a do escritor Lacerda Filho: Euclides da Cunha- sua vida e sua obra , A. União Editora, João Pessoa 1936. Portanto, dois anos antes da grande biografia do Eloy. A biografia do Lacerda Filho tem 164 páginas e inclui um ensaio Bibliográfico com os principais trabalhos sobre Euclides da Cunha até então publicados. Prefácio de Carlos Chiacchio, Bahia 1932. O que se observa que o livro foi escrito bem antes de sua publicação em 1936. Inicia falando do nascimento e vida do escritor, sua passagem por São Paulo e desligamento da Escola Militar, a publicação de Os Sertões em 1902, sua amizade com o barão do Rio Branco e vida nômade.

A II parte do livro descreve a sua obra. O trabalho de Euclides sobre o poeta Castro Alves. A poesia D´Os Sertões: A luz crua dos dias longos flameja sobre a terra imóvel e não a anima. Reverberam as infiltrações de quartzo pelos cerros calcareos... (sic). Em Os sertões o biografista analisa, ainda, o Estudo da Terra, o Regimen de Secas, A Flora dos Sertões, o Homem do “Os Sertões, o Euclides Antropológico que reconhece que o conselheiro foi apenas o excitante para a eclosão das terras adormidas. A multidão remodelava-o à sua imagem.

Em Retratos analisa a formação do povo que formou Canudos. Velhas beatas feitas para amansarem sátiros, ombreavam com donzelas ainda impúberes. O perfil do Sertanejo e suas mulheres; “ Grenhas maltratadas de creoulas retintas, cabelos corredios e duros, de caboclas, trunfas escandalosas de africanas...” . Um grande retratista como se observa na descrição acima. Depois o livro descreve a Guerra e seus temores.

Finaliza o belo e pioneiro livro do Lacerda, falando dos novos livros de Euclides: “Peru Versus Bolívia” , “Contrastes e Confrontos” e “ A margem da História”.

“... era tardo no escrever ... era torturado. Nas letras e na vida que sempre lhe o correu trabalhosa. Mas, seu grande livro, que conseguiu a atenção para o Brasil até então desconhecido, ficará nas letras pátrias a assinalar o início de uma grande escola que poderemos chamar nacionalista (1932). “

Um belo livro que honra o escritor e que merece ser lembrado no seu centenário de encantamento.

Euclides e Luis da Câmara Cascudo

A proclamação da república brasileira foi um dos momentos mais significativos da história do Brasil. O palco da Guerra de Canudos estava no centro dessa transição e deixou cicatrizes profundas no tecido de uma história social e política que está longe de ser compreendida na vastidão dos seus significados e desdobramentos.

A relevância do massacre de Canudos é tratada de forma desigual por diferentes historiadores ou observadores da cultura brasileira. Certamente que foi um acontecimento que merece destaque no campo da sociologia, etnografia, história, artes e cultura brasileira em geral. Ao escrever “Os Sertões”, o escritor e jornalista Euclides da Cunha colocava Canudos na história do Brasil e a figura do beato Antonio Conselheiro no coração e mente de todos aqueles que amam o seu país e história. Nos anais dessa história e no centro de uma polemica com diferentes matizes de simpatizantes ou não com os métodos de uma guerra sangrenta que dizimou milhares de brasileiros e quis apagar do mapa um importante contraforte e vasto território no semi-árido nordestino, interior do estado da Bahia.

O objetivo do presente artigo (resumido) é pensar, através da obra de Câmara Cascudo, como um grande estudioso da cultura brasileira se insere nos estudos e na compreensão de um importante episódio de uma história que completou um século em tempo recente.

No último número da revista “Bando” (ano X, Vol 5, 1959), destinada às comemorações no RN do 50º aniversário da morte de Euclides da Cunha, Cascudo escreve de forma breve sobre a passagem de poucas horas do autor de “Os Sertões” em solo potiguar. De sua visita ao centro da cidade alta e sua intenção de comprar um papagaio no cais de embarque para o Alagoas, do Loid Brasileiro.

Em o Dicionário do Folclore Brasileiro - uma de suas obras mais importantes, consultadas e referencias, o autor de “Civilização e Cultura”, escreve um verbete muito sucinto sobre Conselheiro, A.

“Antonio Vicente Mendes Maciel, nascido em Quixeramobim, Ceará, em 1828, e falecido de disenteria no arraial de Canudos em setembro de 1897 (Euclides informa 22 de Agosto) ...”. O Ano de nascimento do Antonio é 1830, e é prosaica a forma como Cascudo trata a forma como morreu uma personagem central da história brasileira que resistiu por três vezes às forças armadas brasileira e, por ultimo, sucumbiu diante de um exercito de mais de dez mil homens fortemente armados e transportando pesada artilharia de canhões.

Continua Cascudo... “por motivos ignorados , tidos como desgostos domésticos, abandonara o Ceará, entregando-se a uma vida nômade, pregando moral rígida e severa...”

Cascudo - um historiador sério- devia saber mais detalhes sobre a vida do conselheiro e poderia ter enriquecido muito mais o seu verbete que será tomado como referencia por muitos estudiosos. Na época de Cascudo já havia os trabalhos de referencia sobre o Conselheiro, escritos pelo jornalista, escritor e historiador do Ceará; João Brígido: Homens e Factos, RJ, Besnard 1919.

João Brígido dos Santos (1829- 1921) era oriundo de Quixeramobim e atuou como jornalista no Ceará, publicando vários artigos sobre a história do Ceará que depois seriam coligidos em livro. História sobre os clãs “Maciéis” e “Araújos”. Conselheiro fazia parte do temível clã dos Maciéis e seu pai foi um comerciante, casou duas vezes e teve três filhas afora Antonio Conselheiro (em Walnice Nogueira Galvão. Império do Belo Monte, vida e morte de Canudos). Após a morte do pai. Antonio toma conta dos negócios e contrai matrimonio. Na família muitas mortes e venditas entre as famílias rivais. Helena, sua parenta próxima, mandante de vários crimes, era considerada por Brígido como a “Nemesis da Família”. Com a derrocada dos negócios, Antonio vai embora da cidade, é preso, separa da mulher (traição dela), e depois toma o rumo de uma vida nômade e se torna líder de uma grande comunidade em Belo Monte (Bahia). A história depois será narrada de forma brilhante por Euclides da Cunha.

Canudo é considerado por Cascudo, “um centro de vivo interesse sociológico e folclórico”. A história mostrou que lê tinha razão. É cada vez maior o interesse sociológico e artístico sobre o arraial de Canudos e sobre um dos acontecimentos mais significativos na instituição da república no Brasil. Em sua obra, Câmara Cascudo mostra um certo fascínio pela monarquia e podia ter tratado com mais vagar e interesse a saga do bravo e destemido conselheiro. Se ele morreu de disenteria não tem importância diante de seu corpo morto estendido no chão após um taque de milhares de soldados e coronéis armados numa luta desigual. Canudos não foi só um sonho de um visionário e líder de uma comunidade altamente avançada. Líder de um povo para quem ele deu alguma esperança.

Canudos foi uma questão religiosa, depois passou a ser econômico-capitalista, depois política, escreveu José Calazans, nascido em 1915, e um dos seus maiores estudiosos.

O que Cascudo escreveu sobre o Conselheiro e sua saga é pouco diante da tremenda importância cultural, social e política do tema. Cascudo é referência e porta-voz de uma história sobre a qual ele tem muita responsabilidade ao narrar para a posteridade. Sei que o foco é uma questão pessoal, mas não se pode esconder o que salta e grita aos nossos olhos marejados e orgulhosos de pessoas que lutam por um ideal. Antonio Conselheiro é o meu Quixote Brasileiro.

Euclides da Cunha e a Revista “Bando” de Natal

No centenário da morte de um dos maiores escritores em língua portuguesa lembro com alegria - e por que não dizer um certa inveja, daqueles bravos companheiros escritores, jornalistas, poetas, etc, que se reuniram numa semana euclidiana para saudar o grande escritor no cinqüentenário de sua morte.

A “revista Bando” circulou no decênio 1949-1959 e foi um órgão do Grêmio Literário Euclides da Cunha. Em 1959, toda a intelectualidade potiguar se reuniu para saudar e glorificar o escritor Euclides da Cunha. Todos os órgãos de cultura, governo do estado do RN, universidade com o mesmo objetivo de trazer para o presente o grande legado do homem e escritor que conhecia e amava nossas terras como ninguém.

O último número da revista saiu em dezembro de 1959 e foi dedicada ao escritor de Cantagalo. Escreveram nessa revista os maiores intelectuais do Rio Grande do Norte: Cascudo, Raimundo Nonato, Américo de Oliveira Costa, M. Rodrigues de Melo, Veríssimo de Mello. Edgar Barbosa, Umberto Peregrino, Luis Pinto, Walfran Queiroz, Eulício Farias, Rômulo Wanderley, João Alves de Melo, Antídio de Azevedo, Jorge Fernandes, Luís Patriota, Livia Medeiros, Jaime Wanderley e Zila Memede.

O escritor, o jornalista, o poeta, O folclorista, o nacionalista, o filósofo? Todas as facetas desse homem múltiplo foram discutidas com muito entusiasmo e conhecimento. Uma glória para as nossas letras e um reconhecimento oportuno desse grande defensor e fazedor das nossas letras que ele grafou

com fogo e estilo em dias e noites de muito labor e pouco gozo de um corpo superexcitado. Um anacoreta sombrio e destemido que lutou até o fim de uma operosa e sofrida vida. Covardemente assassinado. Será sempre lembrado como aquele que escreveu em brasileiro e para o mundo. Salve meu querido escritor que deixou gravado em letras de formas o nosso ideário e rastros da raça.

Euclydiana e Deus e o Diabo do Glauber

Um casal de sertanejos divididos entre a violência dos coronéis e o misticismo. O vaqueiro Manuel (Geraldo Del Rey) se revolta contra a exploração imposta e leis do coronel Moraes (Mílton Roda) e acaba matando-o numa briga. Foragido com sua esposa Rosa (Yoná Magalhães), eles procuram abrigo na religião do beato Sebastião (Lídio Silva), que promete o fim do sofrimento através do retorno a um catolicismo arcaico e ritual. O beato Sebastião mata uma criança e revolta Rosa que mata o Beato. Eles serão perseguidos por Antonio das Mortes (Maurício do Valle), um matador de aluguel a serviço da Igreja, do estado e dos latifundiários da região: Aquele que cumpre a lei do governo e da bala. Antonio das Mortes extermina os seguidores do beato Sebastião e mata o cangaceiro Corisco (Othon Bastos). O casal Manuel e sua bela mulher Rosa fogem desesperadamente para o litoral.

A Obra prima de Glauber Rocha “ Deus e o diabo na terra do sol” (1963) é um dos maiores filmes da história do cinema. Uma sinfonia pastoral- mítico-rebelde. São varias as homenagens os Western e ao cinema épico do cineasta russo Eisenstein. No crime, a libertação. Pra levar: só o destino. Um sertão branco que dói. Um infinito de preces e lágrimas rochosas. Filmado em Monte Santos e Canudo é uma bela homenagem aos Sertões Euclydianos e Guimaraneses. O sebastianismo e messianismo de Pedra Bonita e de Canudos é o do beato Antonio Conselheiro e surge na fala do beato Sebastião. Tiraram D. Pedro II e querem impor a república.

“Se entrega Corisco, eu não me entrego não!...”, canta a bela trilha sonora composta pelo grande Sérgio Ricardo. “O sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão”. Em cada rosto um universo. Um sensualismo pungente. No close entre Dadá (mulher de Corisco) e Rosa (mulher de Manoel) um poema que só o mestre Glauber pode tirar das pedras e de um branco que continua a nos ofuscar e desorientar nesse mundão sertão conselheiro, selvagem e mítico.

Euclydiana 100 + Patativa do Assaré

Ele completaria cem anos em 2009. Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva) nasceu no dia 05 de Março de 1909, ano da morte de Euclides da Cunha. Poeta, compositor e improvisador de versos que denunciam e cantam as nossas mazelas e injustiças sociais. Esteve presente em todos os movimentos populares da recente história brasileira. Sua poesia fala dos contrastes entre os brasis.

Como Euclides da Cunha ele mostrou o Brasil para os Brasileiros e para o mundo. Como Antonio Conselheiro ele foi cearense e sentiu bem as intempéries da natureza. Muitos de seus poemas foram musicados. O poema “Triste Partida” musicado e cantado por Luiz Gonzaga é um pungente hino ao nordeste brasileiro. Um lamento na escassez inclemente da quadra chuvosa. Cante lá que eu canto cá, diz um dos seus poemas mais famosos. “Ave Poesia” é um belo documentário do Rosemberg Cariry em homenagem ao grande menestrel-cantor do nordeste Patativa do Assaré. Rosemberg é também um estudioso da poesia patativiana e escreveu o prefácio para o livro “Ispinho e fulo”, do Patativa. Cante lá que eu canto cá e Aqui tem coisa são outros livros escritos pelo maior poeta popular do Brasil. Um sábio das coisas do sertão recebeu vários títulos de Doutor Honoris Causa. Há uns dez anos ele veio a Natal e fiz questão de beijar a sua mão ressequida e tremula ao autografar um dos seus livros que guardo como relíquia. É do livro “Ispinho e Fulô” o poema Antonio Conselheiro (pp 16-19) que escolhi para homenagear os centenários desses dois grandes baluartes da cultura brasileira: Euclides da Cunha e Patativa do Assaré. O Beato conselheiro recebeu muitos poemas-homenagem, mas o poema de Patativa é o mais belo que conheço. Um poema que faz justiça ao grande homem que foi Antônio Vicente Mendes Maciel (Antonio Conselheiro). Da chacina que foi a guerra de Canudos. Canudos caiu no dia 05 de outubro de 1897, mas as injustiças sociais persistem e o seu ideal está presente em cada movimento que clama por justiça. Ele é o “que briga lá fora” da crônica machadiana, e está longe do fanático e bandido que muitos o pintaram. A miséria social ainda é um mal que nos assola, mas o mal maior é o que vem da ignorância.

Antônio Conselheiro / Patativa do Assaré

Cada um na vida tem
O direito de julgar
Como tenho o meu também
Com razão quero falar
Nestes meus versos singelos
Mas de sentimentos belos
Sobre um grande brasileiro
Cearense meu conterrâneo,
Líder sensato espontâneo,
Nosso Antônio Conselheiro.

Este cearense nasceu
Lá em Quixeramobim,
Se eu sei como ele viveu
Sei como foi o seu fim,
Quando em Canudos chegou
Com amor organizou
Um ambiente comum

Sem enredos nem engodos,

Ali era um por todos

E eram todos por um.

Não pode ser justiceiro

E nem verdadeiro é

O que diz que o Conselheiro

Enganava a boa fé,

O Conselheiro queria

Acabar com a anarquia

Do grande contra o pequeno,

Pregava no seu sermão

Aquela mesma missão

Que pregava o Nazareno.

Seguindo um caminho novo

Mostrando a lei da verdade

Incutia entre o seu povo

Amor e fraternidade,

Em favor do bem comum

Ajudava a cada um,

Foi trabalhador e ordeiro

Derramando o seu suor,

Foi ele o líder maior

Do nordeste brasileiro.

Sem haver contrariedades

Explicava muito bem

Aquelas mesmas verdades

Que o santo Evangelho tem,

Pregava em sua missão

Contra a feia exploração

E assim, evangelizando,

Com um progresso estupendo

Canudos ia crescendo

E a notícia se espalhando.

O pobrezinho agregado

E o explorado parceiro
Cada qual ia apressado
Recorrer ao Conselheiro
E o líder recebia
Muita gente todo dia,
Assim fazendo seus planos
Na luta não fracassava
Porque sabia que estava
Com os direitos humanos.

Mediante a sua instrução
Naquela sociedade
Reinava paz e união
Dentro do grau de igualdade,
Com a palavra de Deus
Ele conduzia os seus,
Era um movimento humano
De feição socialista,

Pois não era monarquista

Nem era republicano.

Desta forma na Bahia

Crescia a comunidade

E ao mesmo tempo crescia

Uma bonita cidade,

Já Antônio Conselheiro

Sonhava com o luzeiro

Da aurora de nova vida,

Era qual outro Moisés

Conduzindo sus fiéis

Para a terra prometida.

E assim bem acompanhado

Os planos a resolver

Foi mais tarde censurado

Pelos donos do poder,

O tacharam de fanático

E um caso triste e dramático

Se deu naquele local,

O poder se revoltou

E Canudos terminou

Numa guerra social.

Da catástrofe sem par

O Brasil já esta ciente,

Não é preciso eu contar

Pormenorizadamente

Tudo quanto aconteceu,

O que Canudos sofreu

Nós guardamos na memória

Aquela grande chacina,

A grande carnificina

Que entristece a nossa história.

Quem andar pela Bahia

Chegando ao dito local
Onde aconteceu um dia
O drama triste e fatal,
Parece ouvir os gemidos
Entre os roucos estampidos
E em benefício dos seus
No momento derradeiro
O nosso herói brasileiro
Pedindo justiça a Deus.

Euclides e Antonio Conselheiro na Literatura de Cordel

A literatura de cordel esteve, inicialmente, ligada a romances de cavalarias, histórias de amor e narrativas heróicas de guerras para depois contemplar fatos da história do Brasil e do mundo em suas narrativas e enredos. Um dos acontecimentos históricos mais importantes do Brasil foi a Guerra de Canudos e a saga mística, messiânica e heróica do Antonio Conselheiro. Uma história com todos os ingredientes para um bom romance de cordel. Nessas histórias quase sempre o bem luta contra o mal e na história do beato conselheiro não foi diferente. A luta da civilização contra a barbárie. Um dos primeiros assuntos da história oficial tratado pelo cordel foi a história do Conselheiro de Belo Monte. O soldado-poeta João Melchiades Ferreira da Silva foi pioneiro na transposição para o cordel de um assunto histórico. O conselheiro representa o mal que vai ser combatido pelo bem: o governo e os militares. As três primeiras expedições, derrotadas pelos insurgentes amotinados em Belo Monte, são assim cordelizadas pelo vate João Melchiades, após deixar as armas;

Ergueu-se contra a República
O bandido mais cruel
Iludindo um grande povo
Com a doutrina infiel
Seu nome era Antonio
Vicente Mendes Maciel

[...]

Para iludir o povo
Ignorante do sertão
Inventou fazer milagre
Dizia em seu sermão
Que virava água em leite
Convertia as pedras em pão

Como se vê, o poeta-soldado carrega nas cores para fantasiar o conselheiro com as marcas da crueldade, qual um criminoso e cangaceiro que iludia o povo humilde, Versão muito corrente que dizia serem os acompanhantes do devoto conselheiro formado de carniceiros, desertores e jagunços que precisavam ser dizimados da face da terra para que o bem prosperasse,

Os homens mais perversos
De instinto desordeiro
Desertor, ladrão da cavalo
Criminoso e feiticeiro
Vieram engrossar as tropas.
Do fanático Conselheiro

O soldado-poeta sonha tomando acento nas tropas que combatem o conselheiro, para acordar entusiasmado com os seus feitos,

Terminei duas revoltas
Mais fiquei aposentado
Me lembro do tempo velho
Do serviço de soldado
Quando sonho com a guerra

Acordo entusiasmado.

Muitos foram os poetas e artistas populares ou não que se deixaram impregnar pela saga de Canudos para tecer seus versos, filmes, canções e pinturas. Um belo poema em 12 cantos em verso alexandrino foi composto pelo poeta Pachoal Villaboim Filho. Dessa vez enaltecendo os feitos do beato Conselheiro e de inspiração não com ás Tágides, de Camões, nem bebendo na fonte de Hipocrene, de Homero, mas na “cacimba imensa de Os Sertões” (Pórtico). Com suas secas atrozes em meio ao cardo e xique-xique:

Canto Primeiro

Foi no adusto sertão, nas terras torturadas
Pelo hárpio, apocalítico, espectral flagelo
das secas do nordeste e de hórridas queimadas.
de um sol que o solo escalda e exsica e esturra e empedra,
onde só vinga o cardo e o xique-xique medra
e toldam-se os vergéis de um serroso amarelo,
que, errante, a tropegar, qual proscrito judeu,
Antonio Conselheiro, um dia, apareceu...

.....

Epílogo

Canudos ficou só. Um silêncio profundo.

[...]

A História de guerrilha do conselheiro, sua vida e traição por uma mulher foi narrada magistralmente pelo poeta cordelista contemporâneo Apolônio Alves dos Santos, influenciado pela televisão e seu juízo de valor que finaliza por achar que com a morte do Conselheiro foi debelado um flagelo do nordeste;

Vamos ouvir a história
de Antonio Conselheiro
que apesar de beato
temente a Deus verdadeiro

em defesa de Canudos
se tornou um guerrilheiro

A traição que o tornou peregrino e beato;

Porque ele se casou
Com uma linda deidade
bonita como uma santa
do altar da divindade
a qual foi vítima inocente
duma cruel falsidade

A Morte do Conselheiro, após a quarta ofensiva militar:

Dessa vez também morreu
o Antonio Conselheiro
que viveu com seus jagunços
implantando o desespero
findou-se aquele flagelo
do nordeste Brasileiro

A TV Globo mostrou
esta cena do passado
e eu em casa assisti
o fato dramatizado
e apresento também
no meu verso improvisado

Conclusão

Poetas de hoje e de ontem continuam a tecer versos inspirados na trágica história do Conselheiro que um dia instituiu um modo diferente de convivência entre os homens. Louco ou não discutem alguns. Na maioria das vezes a sua figura é traçada caricaturalmente como um insano que representa um mal que precisa ser debelado. Um louco famélico com sua bata azul a combater as forças do bem e do progresso representada pela recém instituída republica brasileira. Entre verdades e mentiras muito ainda precisa ser estudado e dito

sobre Antonio Conselheiro. Nos versos do poeta uma ideologia que pode ser a do vencedor, a da televisão Globo. Ou a da história oficial que muitas vezes, mente. Euclides da Cunha reinventou o Brasil com Os Sertões. Mostrou o Brasil para os brasileiros utilizando todos os recursos da língua. E o retrato de Antonio Conselheiro está a ser re-inventado a cada verso e traço do poeta. Muitas fotos do conselheiro são borradas. Fatos são distorcidos. Canudos, o arraial acabou e virou mar, mas o mito do Conselheiro será eterno a inspirar os poetas e artistas.



Crianças do projeto Giges ouvindo histórias.

Conte-me uma história

Sônia Smijevski Ferri

Ouvir histórias contadas pela avó, pela mãe, irmãos mais velhos, pela vizinha ou pelas professoras na escola é das coisas mais encantadoras quando se é criança. Estimula nossa imaginação, mexe com as emoções e com a nossa criatividade.

Contar histórias é também muito gostoso, mas o contador precisa prestar atenção no ritmo, nas pausas, precisa criar um clima para envolver e encantar os ouvintes, fazer uso de modalidades de voz como sussurros, imitar ruídos, sons de animais, mostrar as indicações de suspense e do clímax, etc. Então, contar histórias passa a ser uma arte.

Em África a tradição oral é muito forte e continua viva. É transmitida de boca em boca através de séculos, de geração a geração. A palavra tem um “quê” de sagrado, nos diz Chagas¹. Os velhos vão contando suas histórias e vão ajudando a manter vivas as tradições para as novas gerações. Nas culturas orais a memória tornou-se imprescindível, posto que o passado é que serve como referência para guiar o povo nos seus costumes e explicar suas lendas, crenças e ritos.

Nas tradições africanas [...], a palavra falada se empossava, além de valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de ‘forças etéreas’, não era utilizada sem prudência.²

A oralidade está presente em vários aspectos do nosso cotidiano, principalmente no ensino. E a tradição oral, mesmo em um texto escrito, dá prioridade ao ritmo sobre o sentido e a ação sobre a representação, afirma Zumthor³.

Cecília Meireles dizia que “os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores”.⁴ Quem escreve literatura infantil, como que substitui o contador de histórias do passado, da Idade Média, período marcado pela oralidade.

É ouvindo história que se pode sentir (também) emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas – fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com olhos do imaginário.”⁵

A contação de histórias pode promover o uso adequado da estrutura narrativa na produção escrita, favorecendo, assim, a formação de leitores e escritores competentes. Isto porque as histórias contadas oportunizam o envolvimento com um universo que detona a fantasia, partindo sempre de

uma situação real próxima, lidando com sentimentos e emoções já vividas pela criança, o que favorece a interpretação, o entendimento e a construção de significados do que está sendo ouvido.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 2ª ed. São Paulo: Scipone, 1991.

CHAGAS, Silvania Núbia. *Nas fronteiras da memória: Guimarães Rosa e Mia Couto, olhares que se cruzam*. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>> Acesso em 25 março 2012.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. “A tradição viva”, In: KI-ZERBO, Joseph (org.) História geral da África, volume 1- metodologia e pré-história na África. São Paulo: Ática; UNESCO, 1982.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira et all. São Paulo: Hucitec. 1997.

Notas de rodapé

¹ CHAGAS, 2006

² HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 182

³ PAUL ZUMTHOR, 1979

⁴ CECÍLIA MEIRELES, 1984, p.49

⁵ FANNY ABRAMOVICH, 1991, p. 17



Revista Barbante
Ano I – Nº 04 – 15 de outubro de 2012

Expediente

Editora
Rosângela Trajano

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Alzenir Araújo
Elizabeth de Medeiros
Ivanildo Silva
Rosa Regis

Webmaster/Webdesigner
Danda

Fotos e ilustrações
Danda

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



Entrevista



Brincar com uma criança nos torna meninos de novo.

Mirtes Veiga, psicóloga clínica e hospitalar fala em como amar uma criança.

1 – Quando deixamos de ser criança?

Deixamos? Penso que não, a criança aparece legitimada nos ritos, anteparo de crenças. As experiências da infância nos sustentam, animam, consolam, amedrontam, suas nuances aparecerão ao longo da vida. A forma como as referidas experiências foram vivenciadas e compreendidas influenciará a leitura de mundo do adulto, possibilitará sermos outra coisa, uma reinvenção de nós mesmos, desempenharmos distintos papéis. Ir do céu ao inferno, e de novo céu, no jogo de “Amarelinha” sem fim que é a vida.

2 – Como as crianças gostam de ser tratadas?

Com carinho, escuta generosa e respeito às suas possibilidades. Como me disse de forma muito apropriada uma paciente de nove anos: “criança tem que errar, senão não aprende. Sabe?! Segunda chance, às vezes, até terceira”. Temos hoje acesso a uma vasta literatura de autoajuda para pais; acredito que esse tipo de leitura não atrapalhe, mas devemos estar atentos ao principal que é o referencial da família e o da criança. Em outras palavras, importa “reler” a historicidade dos pais e ancestrais, contextualizar, e refletir sobre o que funcionou ou nem tanto, numa relação dialógica constante.

3 – O que você acha das crianças que logo cedo têm acesso às redes sociais e salas de bate-papo?

Assim como o açúcar, as regras, o sono e a brincadeira, o segredo da introdução da tecnologia na infância é a dosagem. A comunicação virtual precoce, no entanto, traz uma especificidade que contém duas perguntas a serem respondidas: “para quê?” e “por quê?” Um exemplo: atualmente é comum um dos pais morar em outra cidade, assim a tecnologia cria a possibilidade de conversar e ver a pessoa em tempo real, o sorriso, o olhar, mostrar o dodói, o desenho; não substitui a presença física, mas auxilia na desconstrução da ideia de abandono, e transforma-se numa possibilidade inovadora de vínculo. Então, trata-se de responder as duas perguntas, adequá-las à utilização e esta, sempre sob a supervisão de um adulto.

4 – Como amar uma criança?

Compreendo o amor como o desejo de que o outro se realize plenamente, é

altruísmo puro. Muitas vezes o discurso dos pais vem carregado de sacrifícios, o amor que deveria ser leve se transforma em peso, formando um elenco de queixosas responsabilidades que, como penalizações, impossibilitam os pais de se moverem livremente. Provavelmente, quem age assim já estava emocionalmente “engessado”, e a criança vira o bode expiatório parido, expressão do íntimo. Para amar uma criança é preciso libertar-se de seus próprios fantasmas ou, pelo menos, descobri-los como seus, não quantificar ingratidões. O amor dos pais por um filho é força da natureza. Amar um filho é deixá-lo Ser num fluxo contínuo como ondas no balé do oceano.

5 – Como podemos ajudar uma criança ansiosa?

A ansiedade se caracteriza por sentimentos de medo e esperança que mesclados e, numa determinada modulação, pode ser positivo. Pode ser uma característica expoente da personalidade da criança, e sua potencial força produtiva, é preciso cautela nessa ajuda para não coibir a criatividade. A ansiedade é facilmente confundida com curiosidade e inquietude intelectual, requer, por isso, uma avaliação mais atenta. A ansiedade, quando excessiva, pode causar desconforto físico e mental; se for esse o caso, é preciso primeiramente descartar a hipótese da origem orgânica, ou seja, procure um médico. O tratamento deverá ser multidisciplinar, envolvendo, inclusive, família e escola. Parece-me ser o melhor caminho o de auxiliar a criança a encontrar um “tom” produtivo, um sentido a sua busca inquieta; além disso, favorecer a autoconsciência para que as situações potencializadoras de ansiedade sejam mais bem esclarecidas. .

6 – O que podemos evitar para que as crianças não guardem traumas para um futuro?

Para pensar em evitar algo, precisamos necessariamente conhecer sua origem, sua demanda, não se trata aqui de simplesmente desatar nós. Então, não há esta garantia, seria como compreender um *iceberg* analisando um cubo de gelo. O trauma se forma a partir de um evento estressor ou de uma frustração eminente?! Não há uma fórmula. Ouvir, oferecer o espaço para que a criança se expresse, ressignificar eventos, reavaliar, revelar o conflito, nomear culpados, assumir sua parte, enlutar, chorar e ter esperança. O futuro começa a ser saudável quando o presente é desvelado.

7 – Qual a sua opinião sobre a problemática gerada pela palmada?

A palmada, além de não resolver o comportamento considerado inadequado pelos pais, pode gerar diversos sentimentos de baixa valia. A agressão física é a forma de o animal irracional entrar em “guerra”, seja para defender sua caça ou sua cria. Lembrando que a guerra é alimentada pelo ódio – expressão do desejo da não existência do outro. Nós, humanóides, temos um equipamento chamado consciência que é o nosso diferencial. Podemos repreender um comportamento através da firmeza e da seriedade (não severidade!) ao utilizarmos ferramentas como a palavra, o olhar. A coerência entre o nosso discurso e as nossas próprias atitudes, o exemplo, ainda é a melhor forma de educar.

8 – O que você acha do trabalho infantil?

No século XIX, a Revolução Industrial possibilitou o espaço da produção separado do espaço da família, a criança passa a ser considerada como sujeito, com direitos legais; o trabalho infantil em 2012 é um retrocesso. Acredito que um país que permita tal situação não poderá ser considerado em desenvolvimento, uma vez que as gerações futuras estarão absolutamente comprometidas. Não há crescimento onde a ruptura da infância seja mascarada. Na infância deverá existir apenas o treino lúdico para a vida adulta, e não o encargo. Esse é nosso, e sua transferência a um menor incapaz é crime tipificado pela lei.

9 – Por que algumas crianças têm dificuldade de fazer amigos (relacionar-se)?

Por ser, assumir-se, não se saber, ou não aceitar o diferente? Penso que o grande problema da convivência humana está na aceitação das diferenças caracterológicas, comportamentais, morais, étnicas, culturais, é o “novo” e suas demandas misteriosas, desconhecidas, fazendo com que a criança se sinta portadora de um segredo. Queremos o outro como uma extensão de nós mesmos, isso parece assegurar a continuidade da tradição, sem estranhezas. No amor queremos a alma gêmea e não um primo de segundo grau, mães teimam em serem as melhores amigas das filhas, anos de convivência soam como alvarás de permanência; queremos sempre um laço embrionário, visceral. Amigo é amigo, mãe é mãe, namorado é namorado, pronto! Não há traição ao aceitar o outro, são lugares e papéis distintos. O diferente não é menos, o diferente, muitas vezes, é o autêntico, o desfecho

satisfatório do Ser. “Fazer” amigos depende do grupo, mas, antes, depende de nós mesmos, das nossas expectativas e critérios; para ser aceito, é preciso aceitar e aceitar-se.

10 – O que fazer quando a criança não quer estudar?

Investigar o porquê desse “não querer”, muitas vezes é um “não conseguir” que pode ser revelador de uma dificuldade maior. A criança pode estar com alguma deficiência auditiva, visual, cognitiva, dentária, na fala, nutricional, de sono, vivendo alguma situação problemática pessoal ou familiar, uso de drogas, sofrendo *bullying*, infestação de piolho, ou parasitária (verme); pode ainda ser portadora de algum transtorno psíquico que afete, por exemplo, a memória, a atenção. Enfim, qualquer que seja o problema, quanto antes desvendado e encaminhado a tratamento, menos comprometimento no desenvolvimento. Descartadas todas as referidas possibilidades, e até como auxiliar a possíveis tratamentos, é preciso ensinar a criança a estudar, montar um método de estudo adequado a cada uma das disciplinas, corrigir a postura corporal. Assim, é necessário avaliar a dificuldade, investigar sua origem e extensão, tratar e respeitar o ritmo da criança. Pedro Bloch já dizia: “é preciso respeitar suas formas, e não colocá-las em formas”.

11 – Você concorda com o grande número de atividades que são impostas às crianças hoje em dia? Por quê?

As mães trabalham fora, as avós estão sabiamente cuidando da própria vida, as exigências do mercado de trabalho aumentaram. Temos hoje crianças com agendas de executivos, sobrando pouco espaço para o lúdico e para a fantasia. Resultado: as crianças estão exaustas, apáticas e entristecidas! Atualmente as crianças apresentam doenças, como stress e depressão numa curva crescente. O cérebro, assim como o corpo, precisa de repouso, tempo para a renovação e a assimilação de nutrientes ou conhecimento. Moderação, pais! A agenda da criança deve ser pensada, contemplando o tempo livre como uma importante atividade, como componente necessário e salutar.

12 – Por que as crianças gostam tanto de desenhar?

O desenho é expressão do íntimo, do imaginário. Muitas vezes, a única possibilidade de desfecho feliz para um problema; outras, como auxiliar do desejo e da fantasia. Ao desenhar, a criança liberta o material interno,

produz algo, possivelmente não verbalizado, e conhece a si mesma melhor. O desenho é conforto puro, soa como afeto.

13 – Os contos de fadas servem para auxiliar as crianças a resolver seus medos?

Os contos de fadas surgem de histórias populares, que depois são adaptadas ao ouvinte infantil, alguns fazem referência ao contexto cultural no qual a criança está inserida, outros tratam de temas que pertencem ao imaginário infantil universal. Contos de fadas são como uma farmacopeia, uma coleção de remédios para todo tipo de dor, de medo; permite o espelhamento, a criança se vê ali. Penso que uma roda de crianças ouvindo uma história é o primeiro grupo de mútua ajuda ao qual pertencemos.

14 – Que tipo de infância pode trazer felicidade para uma criança?

Aquela em que ela possa existir plenamente, atendida em suas necessidades biopsicossociais, onde seus medos sejam respeitados, seus sonhos acolhidos. Dessa forma, não terá medo do futuro, poderá viver sua infância porque os passos seguintes que a levarão à vida adulta serão dados sem o receio da rudeza, da punição por ser ela mesma. Penso que muitas crianças vivem com adultos carrancudos e passam a acreditar que o adulto não pode sorrir sem parecer inadequado, ante isso, elas param de sorrir, treinam a sisudez, e assim lentamente vão inibindo a expressão da alegria, mas ela está lá, ainda que escondida.

Mirtes Veiga de Almeida Salema

Atua como Psicóloga Clínica e Hospitalar

Especializanda em Psicologia Existencial Fenomenológica

CRP: 05/35055

Email: mirtesveiga@gmail.com



A menina e o sol

Que adiantava ver o sol se o sol não a via? Perguntava a menina para o céu azulado. E passou a dormir de dia com raiva do sol. E no sonho o sol não podia ver porque seu brilho era forte demais, fechava os olhos aflita. Um dia, decidiu raiva de sol deixar pra lá e falou pro céu que ver o sol é saber contar de 1 a 10 e todo dia somar mais 1.

Rosângela Trajano



Era uma criança diferente
Assim dizia o povo
Perguntas fazia não
Calado inventava
Ser um dente.

Rosângela Trajano

A menina do tamborete

Todas as tardes a menina sentava ao tamborete na calçada da sua casa. Enquanto os outros viam pessoas passando, bichos brincando e a noite chegando, a menina do tamborete via seu riso partindo, sua coragem morrendo, seus sonhos tornando-se minúsculos e seus pezinhos cada vez mais crescerem. Chegou um dia em que a menina do tamborete viu sua infância ir embora e quando percebeu já era mulher catando piolho de menino no mesmo tamborete de ontem.

Rosângela Trajano.

